

Obra: O divertido Reino do Livro Aberto
Autor: J. J. Dacosta



LIVRO 52 - O DIVERTIDO REINO DO LIVRO ABERTO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de um Reino chamado Reino do Livro Aberto. Este nome foi dado pelo Rei Book que, desde criança, era o maior admirador e leitor de livros de todo o Reino, da Terra do Conhecimento e do vizinho Reino da Sabedoria. O Rei Book casou-se com a Rainha Li Terata. Deste casamento, nasceu a Princesa Le Trada. O Rei Book era tão entusiasta de livros que ordenou que todos os castelos, casas, ruas e praças do Reino tivessem detalhes que lembrassem um livro. E o Reino ficou muito divertido. O Rei Book queria que sua filha tivesse as melhores lembranças de sua infância. Assim, ele trouxe para a Corte diversos animais do Reino que sabiam falar - o Tucano, a Coruja, o Macaco, o urso Panda, cinco pássaros canoros e uma cachorra Dálmata. Mas, faltava um animal Contador de Histórias, que soubesse contos com narrativas curtas e objetivas, mas com mensagens educativas. A Princesa Le Trada tinha um sono fácil e adormecia rapidamente. Assim, aconteceu o concurso de fábulas e dez animais da floresta se apresentaram e contaram suas fábulas. Um deles venceu o concurso e passou a fazer parte da Corte como novo Contador de Histórias Real.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

- Ah! Que bom ver a claridade e poder respirar novamente!
- Obrigado por me tirar do quarto escuro e sem janela! Toda vez que uma criança abre minhas páginas, ela dá vida aos meus personagens e os tira da escuridão e do silêncio.
- Meu nome? Eu sou o seu Livro! Eu sou como um tapete mágico que o leva ao mundo de sonhos e fantasias! Agora, vou poder contar mais uma história para você!

Era uma vez um Reino muito divertido, que ficava lá pelas bandas da Terra do Conhecimento e vizinho ao Reino da Sabedoria. Este Reino se chamava Reino do Livro Aberto. Este nome era estranho para as pessoas que nunca visitaram e nunca conheceram o Reino do Livro Aberto.

Mas, todos que o conheciam, entendiam muito bem a razão deste divertido Reino se chamar assim.

E tudo começou com o Rei Book, quando ele ainda era um pequeno príncipe. O seu pai, o Rei Dicio Nário, gostava muito de contar histórias para o pequeno Príncipe Book. Sua mãe, a Rainha Enci Clopédia, era uma grande leitora de livros e uma boa escritora, também. Ela se dedicava a registrar a história do Reino do Livro Aberto ao longo do tempo.

E o pequeno Príncipe Book cresceu, assim, encantado com a magia e os sonhos das histórias contadas por seu pai através dos livros e com a leitura dos registros históricos de sua mãe sobre o querido Reino em que vivia.

Quando o Príncipe Book ficou adulto e se tornou o novo Rei, ele mudou o nome do Reino para Reino do Livro Aberto.

O Rei Book gostava tanto de ler, desde quando era criança, que se tornou o maior leitor e admirador de livros do Reino do Livro Aberto, da Terra do Conhecimento e do vizinho Reino da Sabedoria.

E por gostar tanto de livros, um dia o Rei Book ordenou que todos os castelos, casas, praças, ruas e lugares do Reino, tivessem algum detalhe que lembrasse um livro. Com isto, o Rei Book queria demonstrar a todos os súditos e visitantes que não tinha nada mais importante do que um livro.

Assim, os engenheiros do Reino e os súditos fizeram reformas e construíram novas obras, cumprindo a ordem do Rei. E eles tiveram tanta imaginação e boa vontade, que o Reino do Livro Aberto ficou muito divertido.

As casas tinham telhados em forma de livro aberto voltado para baixo. Os bancos da praça tinham o formato de páginas dobradas de um livro. As muralhas que cercavam o Castelo do Rei Book lembravam estandes de uma biblioteca, com muitos livros gigantes. As carruagens que transportavam pessoas ou cargas tinham formato de livros, ora fechados, ora abertos, ora empilhados.

Logo na entrada do Reino do Livro Aberto, os visitantes podiam ler em uma placa grande:

SEJAM BEM VINDOS, MAS TRAGAM LIVROS!

*“Um livro aberto é um cérebro que fala;
Fechado, um amigo que espera;
Esquecido, uma alma que perdoa;
Destruído, um coração que chora”.*
(Voltaire, poeta francês).

Muitas pessoas dos reinos vizinhos achavam que um livro era “apenas, uma coleção de folhas de papel impressas, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos, com dorsos unidos por meio de cola ou costura, formando um volume que se recobre com uma capa resistente, escrito por pessoas chamadas de Autor ou Escritor”.

Entretanto, no Reino do Livro Aberto, qualquer súdito sabia responder que um livro é “um transporte para mundos diferentes, o caminho para o conhecimento e uma vida mais sábia, o recurso para se obter informações importantes para nossas vidas, uma viagem a um mundo mágico e de sonhos e tantos outros temas, escrito por pessoas inspiradas e iluminadas, dispostas a dividir seus conhecimentos e fantasias com as outras pessoas, chamadas Escritores”.

Outro detalhe do Reino do Livro Aberto, que chamava muito a atenção dos súditos e dos visitantes, era o nome das ruas e das praças. Todas tinham nomes de escritores e pensadores famosos, com uma placa abaixo contendo uma de suas frases famosas.

A rua principal, que terminava na porta do Castelo do Rei Book, chamava-se Rua Monteiro Lobato e, abaixo do nome, tinha sua famosa frase: “Um país de faz com homens e livros”.

Outra importante rua chamava-se Rua Cora Coralina e a placa continha uma de suas famosas frases: “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

E não faltavam nomes de ruas de pensadores famosos de outros países. Uma das ruas chamava-se Rua Charles Elliot, professor americano. E sua frase é uma das mais expressivas: “Livros são os mais silenciosos e constantes amigos, os mais acessíveis e sábios conselheiros e os mais pacientes professores”.

O Rei Book casou-se, finalmente, com a Rainha Li Terata. E eles tiveram uma única filha, a Princesa Le Trada.

O Rei Book queria que sua querida filha tivesse a melhor infância possível, uma infância com muitas fantasias e sonhos, que marcasse profundamente este mágico período de sua vida.

Assim, o Rei Book trouxe para o palácio diversos animais do Reino que sabiam falar para fazerem parte da Corte Real da Princesa.

Para conversar sempre com a Princesa Le Trada, ele convidou o Tucano, por ele ser bom de bico.

Para ouvir a Princesa Le Trada, ele convidou a Coruja, por ela falar menos e prestar mais atenção.

Para fazer a Princesa Le Trada rir, ele convidou o Macaco, por ele só fazer macaquices.

Para fazer a Princesa Le Trada dormir em seu colo fofo, ele convidou o urso Panda, por ele parecer um ursinho de pelúcia.

Para compor o coral para fazer a Princesa Le Trada ouvir música, ele convidou cinco dos pássaros com os cantos mais bonitos - o Curió, o Bicudo, o Trinca Ferro, o Coleira e o Canário da Terra.

Para proteger a Princesa Le Trada de inimigos, ele convidou uma cachorra Dálmata e a princesinha a chamou de Lana, por ela parecer uma porcelana branca pintada com manchas pretas.

Mas, faltava um Contador de Histórias. Um animal que soubesse contos com narrativas curtas e objetivas, mas com mensagens educativas. A Princesa Le Trada tinha um sono fácil e adormecia rapidamente.

E a Rainha Li Terata teve uma ideia, que foi imediatamente aprovada pelo Rei Book:

- Por que não fazemos um concurso de fábulas? O bichinho que vencer o concurso será convidado para ser o Contador de Histórias Real!
- Muito boa ideia, minha querida Le Trada! Respondeu o Rei.
- Mas, como vamos escolher qual é a melhor fábula? Perguntou.

Depois de algum tempo, surgiu uma solução:

- Já sei! Exclamou a Rainha Le Trada.
- Os bichinhos candidatos contarão suas fábulas. Todos os animais da floresta serão convidados para ouvi-las. Eles deverão aplaudir cada fábula. A fábula que receber os aplausos mais altos, a ponto de conseguir acordar o Bicho-preguiça, ganhará o concurso! Finalizou a rainha.

E o Rei Book, quis entender melhor:

- Rainha Le Trada, deixe-me ver se entendi direito. Nós vamos reunir todos os animais da floresta para ouvir os bichinhos concorrentes contar suas fábulas. Vamos chamar o Bicho-preguiça para que continue dormindo próximo ao concurso. Os animais deverão aplaudir a cada final de uma fábula. Os aplausos dados a uma fábula, que conseguirem acordar o Bicho-preguiça pelo barulho destes aplausos, indicarão o Contador de História Real. É isto?
- Perfeitamente, meu querido Rei! Concluiu a rainha.
- Gostei da ideia! Agora, vamos divulgar o concurso a todos os animais da floresta! Disse o Rei.

O concurso foi divulgado e provocou a maior agitação entre os bichinhos que sabiam contar fábulas. Afinal de contas, ser um Contador de História Real e fazer parte da Corte era uma honra e orgulho para qualquer bichinho falante.

Mas, o desafio dado pelo Rei Book era que o conto não poderia passar de três minutos, em razão do sono leve da Princesa Le Trada, que adormecia muito rapidamente.

Os concorrentes se prepararam e, finalmente, chegou o grande dia do concurso.

O Rei Book, a Rainha Li Terata e a Princesa Le Trada se dirigiram para a floresta próxima do Castelo. Um palco feito com bambus e folhas de palmeiras foi montado. No centro do palco, em cima de um estrado, dormia profundamente o Bicho-preguiça, que seria o juiz da competição.

Do lado direito deste palco, ficaram os membros da Corte Real. Do lado esquerdo, ficaram os bichinhos concorrentes, os contadores de fábulas.

Coube ao Tucano anunciar cada candidato:

- O primeiro candidato é a Capivara e sua fábula é ‘O galo e a pérola’!

A Capivara, como sempre muito desconfiada e olhando para todos os lados, andou lentamente, mas, depois, deu uma corrida e pulou em direção ao palco. Mais segura, a Capivara iniciou sua fábula:

Como fazia todos os dias, o galo andava pelo terreiro do sítio onde morava procurando por comida. O galo esgravatava no chão para achar migalhas de restos de comida, sementes, bichinhos e tudo o que pudesse servir de comida.

Para sua surpresa, quando esgravatava perto de uma árvore o galo achou uma linda pérola. Após bicar a pérola, o galo exclamou:

- *Se um joalheiro tivesse achado esta pérola com certeza lhe daria um bom valor! Mas, para mim, para que ela serve? Eu não como pérolas! Eu teria tido mais sorte se encontrasse uma migalha de pão ou alguns grãos de milho!*

Após dizer isto, o galo foi embora em busca do alimento que tanto precisava naquele dia.

O que se aprende nesta fábula é que as pessoas ignorantes, que desprezam os ensinamentos e a lição moral que se escondem nas fábulas, agem exatamente como agiu o galo – buscam coisas sem valor para suas vidas, como se fossem migalhas inúteis.

Todos os animais da floresta aplaudiram a Capivara. Mas, o Bicho-preguiça nem se mexeu de seu sono profundo. E a Capivara foi desclassificada.

O Tucano anunciou o próximo candidato:

- O segundo candidato é o Raposa e sua fábula é 'O rato da cidade e o Rato do campo.

Muito furtivamente, a Raposa subiu no palco e iniciou sua fábula:

Um rato que morava na cidade, em uma visita a uma fazenda, foi convidado para jantar por outro rato que lá morava no campo.

O rato do campo levou o rato da cidade para a sua toca e preparou a refeição com ervas, raízes, sementes e frutas que achava no campo.

E o rato da cidade disse ao rato do campo:

- *Compadre, eu agora fiquei com pena de você e da pobreza em que você vive aqui no campo! Vem comigo morar na cidade e você verá a riqueza e a fartura que poderás desfrutar lá!*

O rato do campo aceitou o convite e lá foram ambos para uma casa grande e rica na cidade. Eles entraram na cozinha e começaram a comer comidas deliciosas e com grande fatura. Mas, de repente, entrou o dono da casa com dois gatos o acompanhando.

Assustados, os dois ratos correram cada um para seu lado. O rato da cidade achou logo o seu buraco e o rato do campo subiu em um armário, dizendo:

- *Amigo da cidade, é melhor você ficar com a tua fartura. Eu vou voltar para o campo e comer as minhas ervas, raízes, semente e frutas. Pelo menos, no campo onde moro não há gatos, nem ratoeiras e posso viver em paz e não com sobressaltos como você vive aqui na cidade!*

É como diz o ditado: mais vale um rato magro no mato do que um rato gordo na boca do gato.

O que podemos aprender de lição nesta fábula é que o estado de pobreza, muitas vezes, é mais calmo e seguro. Os que trabalham procurando mais riquezas correm mais riscos.

Os animais da floresta aplaudiram a Raposa, mas com pouco entusiasmo.

O Bicho-preguiça abriu um dos olhos apenas para ver quem era o dono daquela voz tão esganiçada. Em seguida, continuou seu sono profundo. E a Raposa foi desclassificada.

O Tucano anunciou o próximo candidato:

- O terceiro candidato é o Esquilo e sua fábula é ‘O menino que trocou o Sol por uma moeda de ouro’!

Muito rapidamente e pulando de um lado ao outro, o Esquilo subiu no palco e iniciou sua história:

Era uma vez um menino muito alegre e feliz. Ele vivia ouvindo o cantar dos pássaros, admirando a beleza das flores, aquecendo-se no calor do Sol.

Este menino, um dia, encontrou uma moeda de ouro no chão.

Ele gostou tanto de ter achado a valiosa moeda de ouro que, desde então, ele andou sempre de cabeça baixa, olhando para o chão, para ver se encontrava mais moedas de ouro.

- *Se eu encontrar mais moedas de ouro, eu ficarei rico e nunca precisarei estudar, nem trabalhar! Pensava.*

E, assim, se passaram meses e anos. Este menino cresceu, tornou-se um adulto e continuava procurando moedas de ouro, olhando para o chão. Ele nunca trabalhou, nem estudou.

Este homem nunca mais encontrou outra moeda de ouro. Ao contrário, ele perdeu muitas riquezas na vida, como ouvir o cantar dos pássaros, admirar a beleza das flores, aquecer-se no calor do Sol.

E, o que é mais importante ainda, perdeu a oportunidade de estudar e trabalhar para vencer na vida!

Assim, sua ambição lhe fez perder o que há de mais belo no mundo, que pertence a todos e não custa nada.

Os animais da floresta aplaudiram muito e gritavam com entusiasmo. Eles gostaram da fábula contada pelo Esquilo. O Bicho-preguiça chegou a se mexer em sua cama. Ele abriu os dois olhos e olhou para o Esquilo.

Mas, em seguida, continuou dormindo profundamente. E o Esquilo foi desclassificado.

Os animais da floresta sentiram muito a desclassificação do Esquilo e disseram:

- Que pena! Que pena! Era uma linda história!

O Tucano anunciou o próximo candidato:

- O quarto candidato é a Cotia e sua fábula é 'A galinha dos ovos de ouro'!

Com seus passos muito lentos e cuidadosos, um pouco tímida, a Cotia no palco e iniciou sua fábula:

Era uma vez um agricultor que era dono da galinha mais extraordinária que se possa imaginar: todos os dias a ave punha um ovo de ouro.

O agricultor levava os ovos ao mercado e começou a enriquecer. Mas, não demorou muito para que o agricultor se tornasse impaciente com a galinha, pois esta só punha um ovo por dia. Sentia que não estava a enriquecer com rapidez suficiente.

Então, um dia, depois de ter acabado de contar o dinheiro, teve a ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez se matasse a galinha e tirasse os ovos de ouro de dentro dela. Mas, quando levou esta ideia adiante, descobriu que, por dentro, a galinha era igual a qualquer outra e que, agora, a galinha já não poria mais ovos de ouro.

O que aprende nesta fábula é que o ganancioso quase sempre é vítima de sua própria ganância.

Os animais da floresta gostaram da fábula contada pela Cotia e aplaudiram muito. O Bicho-preguiça virou de um lado para o outro em sua cama. Mas, continuou dormindo profundamente. E a Cotia foi desclassificada.

O Tucano anunciou o próximo candidato:

- O quinto candidato é a Cobra e sua fábula é 'A reunião dos ratos'!

A Cobra se desenrolou e deslizou, suave e lentamente, rumo ao palco. A Cobra demorou, mas, finalmente, chegou ao palco e iniciou sua fábula:

O dono de um restaurante tinha uma cozinha cheia de coisas gostosas. Os ratinhos não perdiam uma oportunidade de sair de seu buraco na parede em busca destas delícias, encontradas fartamente na cozinha. Um dia, percebendo esta movimentação dos ratos, o dono do restaurante colocou na cozinha um gato. O gato era um excelente caçador de ratos e ficava sempre à espreita de algum rato invasor.

Assim, os pobres dos ratos não podiam sair mais à procura de comida na cozinha. E os ratos não tinham coragem de sair nem mesmo quando tudo estava em silêncio e na escuridão da noite. Eles sabiam que os gatos enxergam à noite. Os ratos estavam apavorados com este novo inimigo mortal.

Mas, os ratos não poderiam viver assim por mais tempo, uma vez que lhes faltava alimento. Um dia, os ratos fizeram uma reunião para encontrar um meio de acabar com aquela triste ameaça. Se não fizessem nada, estariam condenados à morte!

- *Eu sei o que precisamos fazer! Disse um ratinho muito jovem. Todos os ratos pararam para ouvir a sugestão do jovem ratinho.*

- *Vamos fazer um laço com um sino e vamos atar este laço no pescoço do gato. Assim, saberemos por onde o gato está passando e se está perto ou longe de nós, ouvindo o barulho do sino! Finalizou o esperto e jovem ratinho.*

Esta maravilhosa sugestão fez com que todos os ratos saltassem de alegria.

Entretanto, um rato mais velho e experiente, fez uma observação:

- *Muito bem! Mas, eu gostaria de saber uma coisa. Quem vai atar o laço com o sino no pescoço do gato?*

O silêncio foi total e nenhum rato se apresentou para esta tarefa.

Assim, todos os ratos aprenderam uma lição - é muito mais fácil alguém dizer como os outros devem fazer do que ele próprio fazer!

Os animais da floresta aplaudiram a fábula contada pela Cobra. O Bicho-preguiça nem deu sinal de ter ouvido os fracos aplausos. E continuou dormindo profundamente. E a Cobra foi desclassificada.

Um periquito que ouvira a história cochichou para outro periquito ao seu lado:

- A Cobra deve ter contado esta história porque cobras adoram comer ratos!

E o Tucano interveio:

- Psiu! Silêncio! Os animais da floresta não podem fazer comentários sobre os concorrentes.

E o periquito fofoqueiro ficou verde de vergonha!

Em seguida, o Tucano anunciou o próximo candidato:

- O sexto candidato é o Papagaio e sua fábula é ‘O cavalo e o burro’!

Voando, mostrando suas lindas penas nas cores verde, amarela e vermelha, gritando: “Currupaco loro, currupaco loro!”, o Papagaio pousou no palco e iniciou sua história:

Um fazendeiro tinha um cavalo e um burro para uso na fazenda no transporte de cargas. Eles levavam lenhas, ração, adubo, sementes e várias outras cargas todos os dias.

O cavalo era o mais esperto. Ele sempre achou que o burro era muito burro. Assim, sempre que podia, ele tirava proveito da burrice do burro.

Pobre burro! Por causa da esperteza e egoísmo do cavalo, o burro sempre trabalhava bem mais do que o cavalo. O coitado vivia cansado.

Quando o fazendeiro colocava a carga no cavalo, ele sempre dava um jeito de encontrar uma desculpa para o fazendeiro transferir parte da carga para o burro. Uma hora ele fingia mancar, outra hora ele fingia não aguentar o peso.

Um dia, o cavalo e o burro iam caminhando por uma estrada, seguidos pelo fazendeiro. O cavalo levava muito pouca carga. Em compensação, o pobre do burro levava uma carga tão pesada que ele mal conseguia andar.

E o burro pediu ao cavalo para que o ajudasse. Mas, o cavalo egoísta e de mau temperamento negou-se a prestar aquela ajuda ao burro.

Alguns minutos depois, o burro exausto e sem forças, caiu morto no caminho. O fazendeiro, então, ainda procurou aliviá-lo da pesada carga, mas, já era tarde demais. Sem alternativa, o fazendeiro passou toda a carga para o cavalo.

Nos dias que se seguiram na fazenda, o cavalo teve que transportar sozinho todas as cargas com o peso em dobro, uma vez que o seu maior companheiro já não estava mais vivo.

E ficou uma dura lição para o cavalo - às vezes temos que pagar bem caro pelo nosso egoísmo e esperteza.

Os animais da floresta aplaudiram bastante a fábula contada pelo Papagaio. Alguns até choravam pela morte do pobre burro. O Bicho-preguiça ergueu a cabeça para ver o que estava acontecendo em sua volta. Mas, continuou dormindo seu sono profundo. E o Papagaio foi desclassificado.

Em seguida, o Tucano anunciou o próximo candidato:

- O sétimo candidato é o Cervo e sua fábula é 'A coruja e a Águia'!

O Cervo, como sempre muito delicado, dando passos graciosos e alguns pulinhos, saltou no palco e iniciou a sua história:

A coruja e a águia resolveram fazer a paz e, reciprocamente, juraram não causar nenhum mal aos filhos de cada uma delas. E, assim fizeram o acordo.

E a coruja perguntou à águia:

- *Você conhece os meus filhos?*

A águia respondeu:

- *Não, mas se você me mostrá-los ou disser como eles são, eu saberei reconhecê-los e, assim, poderei poupá-los.*

A coruja respondeu:

- *Naturalmente! Mas, você não terá dificuldades em reconhecer meus filhos na floresta. Eles são lindos e engraçados. Oh! Como são perfeitos, os meus filhos, uma verdadeira obra prima!*

A águia tomou nota e daí a alguns dias, estando caçando, encontrou um ninho. Nele estavam dois filhotes horríveis, tristonhos, feios e com um piado de arrepiar de medo. E a águia, então, disse:

- *Com certeza este não são os filhos da minha amiga.*

E começou a comê-los. Nisso acode a coruja:

- *É assim que você respeita o nosso acordo jurado de fé? Você matou os meus filhos!*

E a águia admirada respondeu:

- *Seus filhos? Esses monstros nada tinham de lindos, nem de bem feitos e menos, ainda, de engraçadinhos!*

Com esta fábula se aprende que a ternura materna não vê as imperfeições dos filhos e vê neles somente belezas, graças e qualidades que a natureza lhes negou.

Os animais da floresta gostaram muito da fábula contada pelo Cervo. E aplaudiram muito. O Bicho-preguiça levantou seus dois braços e a cabeça. Dava a impressão que ele acordaria. Mas, que nada! Ele, simplesmente, virou de lado e continuou dormindo seu sono profundo. E o Cervo foi desclassificado.

Neste momento, o Rei Book falou para a Rainha Li Terata:

- Será que não vamos encontrar o Contador de Histórias Real? Acho que deveríamos ter escolhido outro juiz!

- Calma, meu querido Rei. Em algum momento, um concorrente conseguirá acordar o Bicho-preguiça!

Em seguida, o Tucano anunciou o próximo candidato:

- O oitavo candidato é o Tatu-Bola e sua fábula é 'A lagarta que queria fazer amigos!

O Tatu-Bola andou todo desengonçado até alcançar o palco. Para ser mais rápido, ele se dobrou como uma bola e rolou até o lado onde deveria se apresentar. Os animais da floresta acharam graça do modo como o Tatu-

Bola fez sua introdução. Muito criativo! Após desenrolar-se novamente, ele iniciou sua fábula:

Num canto escondido da mata, em um pequeno arbusto, nasceu La Garta. Ela nasceu de um minúsculo ovo depositado por sua mãe no último inverno. La Garta comia muito e crescia rapidamente.

La Garta se achava muito bonita e colorida quando se olhava no espelho formado por uma gota da água da chuva. Mas, La Garta começou a sentir solidão e procurava por amigos.

Logo, ela viu uma lebre, um quati, um sagui e uma paca, que se aproximavam do galho onde ela estava. Com muito esforço ela conseguiu se levantar, apoiando-se somente em quatro das suas várias pernas.

O primeiro a avistá-la foi a paca:

- *Vejam! Que bicho mais feio e esquisito. O que será?*

Em seguida, o quati falou:

- *Cuidado! Ela parece perigosa. Olhe suas farpas pontiagudas!*

E a lebre não deixou por menos:

- *Ela nem consegue andar e correr! Mas, para que serve este bicho na floresta? Para nada! Só para comer as folhas das plantas.*

E o sagui finalizou:

- *Nossa, que bicho mais engraçado. Parece a palhaçinha da floresta!*

E todos riram muito.

- *Ei, vocês! Não querem ser meus amigos? Eu estou me sentindo tão só nesta imensa floresta! Perguntou La Garta.*

- *Você, nossa amiga? Você mal pode andar! Como correria junto conosco pela mata? Respondeu a paca.*

- *E como poderíamos confiar em você com estas farpas pontiagudas? Você nos machucaria! Respondeu o quati.*

- *Além do mais, você come as folhas das plantas que são o nosso alimento! Logo faltará comida para nós. Nem pensar em ser seu amigo! Respondeu a lebre.*

- *Andar com você? Só se for para ir ao circo, palhaçinha! Disse o sagui.*

La Garta aprendera suas primeiras lições:

Da paca, o que era discriminação.

Da lebre, o que era humilhação.

Do quati, o que era desprezo.

Do sagui, o que era zombaria.

Assim, acometida de uma grande tristeza, La Garta se retirou para um canto escuro de um galho. E lá construiu um casulo para se esconder de tudo e de todos. La Garta chorou de tristeza por vários dias, até que adormeceu profundamente. Seu sono durou várias semanas. Para sua surpresa, algo surpreendente, um dos grandes milagres da Natureza estava acontecendo.

- *Uma borboleta! Uma borboleta! Eu me transformei em uma linda borboleta! Gritava La Garta com muita alegria.*

- *Agora posso voar rápido pela floresta e ganhar muitos amigos! Disse toda entusiasmada.*

E a primeira coisa que fez foi procurar os bichinhos que tanto gostava - a lebre, o quati, o sagui e a paca. Ela queria mostrar a sua alegria e felicidade.

Ao avistá-los, pousou delicadamente na orelha da paca e mostrava sua beleza e transformação para chamar a atenção deles.

- *Olha que borboleta linda! Disse a paca.*

- *Como eu gostaria de voar como ela! Disse a lebre.*

- *Eu gostaria de ter suas cores! Disse o quati.*

- *Eu gostaria de chamar a atenção de todos assim! Disse o sagui.*

E todos perguntaram à borboleta ao mesmo tempo?

- *Você não gostaria de ser nossa amiga?*

A borboleta, agora madura e com sabedoria, respondeu:

- *Eu sou a La Garta, lembram-se? Mas, eu era muito feia para vocês, esquisita e os assustava com as minhas farpas! Vocês não quiseram ser meus amigos. Agora não tenho mais tempo para brincar. Tenho uma importante missão que me foi dada pela Mãe Natureza.*

- *Missão, que missão? Perguntaram todos arregalando os olhos.*

- *Minha missão agora é voar pela floresta em busca de flores e beber seu mel. Assim, eu retribuo o mel que as flores me dão, ajudando-as na polinização para poderem gerar frutos e sementes. Aliás, é graças a este meu trabalho, juntamente com a abelha, o beija-flor e outros insetos e animais da floresta, que vocês podem saborear gostosos frutos e sementes!*

Na vida acontecem muitas situações assim. Não raras vezes desprezamos a amizade de alguém por que ela é muito gorda ou muito magra, muito baixa ou muito alta, muito pobre ou muito rica, muito feia ou muito bonita, muito forte ou muito fraca. Ou mesmo, porque ela é portadora de alguma necessidade especial. Esquecemos-nos de ver que, em seu coração, está uma linda criação da Mãe Natureza e de Deus pronta para ser um amigo leal e verdadeiro.

Os animais da floresta gostaram e aplaudiram muito da fábula contada pelo Tatu-Bola. Os aplausos continuaram por vários minutos. Isto fez com que o Bicho-preguiça abrisse os olhos e levantasse um pouco a cabeça. Mas, ainda com muito sono, continuou dormindo. E o Tatu-Bola foi desclassificado.

Em seguida, o Tucano anunciou o próximo candidato:

- *O nono candidato é a Anta e seu conto é 'A raposa e as uvas'.*

Andando pelos campos, uma raposa se deparou com uma parreira carregada de uvas maduras e deliciosas. E ficou com muita vontade de saborear as uvas.

Mas, como a parreira era alta, a raposa fez várias tentativas para alcançar os cachos de uvas. Ela pulava daqui e dali, dava a volta ao redor da parreira. Mas, por mais que tentasse, não conseguia alcançar as tão desejadas uvas.

Então a raposa disse:

- *Estas uvas estão verdes e muito azedas e podem manchar os meus dentes! Desta forma, eu não gosto e não quero mais colher estas uvas!*

E, dito isto, a raposa foi-se embora.

O que se aprende nesta fábula é que algo que não se pode alcançar não se deve desejar! Muitas vezes, uma pessoa encobre sua falta e desgosto para não dar gosto a quem lhe quer mal, nem desgosto a quem lhe quer bem. Outra lição que fica é que uma pessoa pode mostrar desprezo por algo que desejava, mas que não conseguiu obter. Ou para encobrir a inveja que sente de alguém por um sucesso que ele próprio não conseguiu alcançar.

Os animais da floresta gostaram e aplaudiram muito a fábula contada pela Anta. Mas, apesar da euforia dos animais da floresta, o Bicho-preguiça continuou em seu sono profundo e a Anta foi desclassificada.

Em seguida, o Tucano anunciou o próximo candidato:

- O décimo candidato é o Coelho e sua fábula é ‘A Formiga e a Cigarra’!

Aos pulos, o Coelho subiu no palco e iniciou sua história:

A formiga e suas amigas trabalharam duramente durante o verão, colhendo sementes e folhas que armazenavam no formigueiro.

As formigas sabiam que o inverno era rigoroso e elas não podiam sair para colher as sementes e folhas. Por isso, tinham que ter o formigueiro abastecido desta preciosa comida.

Um pouco antes de começar o inverno, as formigas espalharam sementes de trigo para secar ao sol, antes de levá-las de volta ao formigueiro.

Neste momento, uma cigarra esfomeada pediu às formigas que lhe dessem um pouco de sementes de trigo para comer.

Mas, a líder das formigas respondeu sem precisar pensar muito:

- *Minha amiga! O que você fez durante o verão todo enquanto nós formigas trabalhávamos muito?*

- *Bem, eu andava cantando pelos bosques! Respondeu a cigarra.*

Por isso, a cigarra não encontrou tempo para armazenar sua comida para o rigoroso inverno.

E a líder da formiga, então, respondeu:

- *Pois se você cantava no verão, dança agora no inverno!*

As formigas recolheram outra vez o trigo ao formigueiro e riram da preguiça e imprevidência da cigarra.

- *Cigarra! Aprenda a trabalhar a tempo para que, depois, não lhe falte o sustento! Disse a líder da formiga. E fechou o formigueiro.*

O frio já era sentido, principalmente ao entardecer. Com fome e frio, a cigarra não tinha esperanças de sobreviver.

Entretanto, a abelha-rainha, que a tudo assistia, interferiu:

- *Querida cigarra! A lição das formigas deve ser seguida. Mas, acho que elas foram muito egoístas. Você pode se servir do mel da minha colmeia o quanto quiser durante o inverno!*

- *Posso mesmo? Quis confirmar a cigarra.*

- *Sim, como Rainha da Colmeia eu estou lhe autorizando!*

- *Mas, por que faz isto majestade? Indagou a cigarra.*

- *Por uma razão muito simples. Você foi criada desta forma pela Mãe Natureza. É a sua missão cantar para alegrar a todos durante o verão. Nós abelhas trabalhamos igual ou até mais do que as formigas. Mas, enquanto trabalhávamos, nós ouvíamos o seu canto. E o seu canto nos alegrava e nos dava ânimo para continuar com o nosso trabalho! Assim, nada mais justo que, agora, lhe retribuamos dando-lhe um pouco de mel que nenhuma falta nos fará!*

A cigarra beijou a mão da abelha-rainha em agradecimento e voou depressa para a colmeia para saborear um pouco do doce mel.

O que se aprende nesta fábula é que é importante que o homem se espelhe na formiga para ser trabalhador, cuidadoso e previdente. Portanto, esta fábula mostra que devemos ser como a formiga e que não devemos confiar no que outras pessoas possam nos dar ou emprestar. Diz que uma pessoa

tem razão em negar tudo a outra pessoa preguiçosa se ela, como fez a cigarra, só se dedicou aos prazeres da vida e aos passatempos. Ensina que trabalhar e guardar é o caminho certo para não depender de ninguém. Mas, se as formigas deixaram uma lição, a abelha-rainha deixou outra lição muito importante - respeitar todos os seres criados pela Mãe-Natureza como eles são, além da importância de saber reconhecer e retribuir um benefício recebido de outros.

Os animais da floresta correram todos para próximo do palco. Eles adoraram a fábula contada pelo Coelho. Os aplausos e gritos não pararam.

- Já ganhou! Já ganhou! Já ganhou!
- Acorda Bicho-preguiça! Acorda Bicho-preguiça!

O barulho era tanto que o Bicho-preguiça abriu os olhos, levantou sua cabeça, olhou calmamente tudo e todos à sua volta e, lentamente, ergueu-se, dando uma boa espreguiçada. Finalmente, o Bicho-preguiça acordou! O Rei Book, então, exclamou:

- O Coelho venceu o concurso! Ele é o novo Contador de Histórias Real! Viva o Coelho!

Todos aplaudiam muito e todos estavam felizes com o resultado. Além de ser um bichinho muito simpático, o Coelho contou uma emocionante fábula, fábula que valorizou o mérito do trabalho, o amor e o perdão. Em dado momento, o Tucano cochichou ao ouvido o Rei Book:

- Majestade! O Coelho excedeu o tempo de três minutos! Não deveria ter sido desclassificado?
- E quem fez este Regulamento? Perguntou o Rei.
- Vossa Majestade! Afirmou o Tucano.
- Eu? Retrucou o Rei.
- Sim, Majestade! Confirmou o Tucano.
- Ora, como eu sou o Rei, então eu altero o Regulamento! Disse o Rei.
- Sabe, meu fiel amigo Tucano. Toda regra pode ter uma exceção, conforme o seu mérito! Além do mais, como vou desapontar todos os

animais da floresta aqui presentes? Você quer provocar uma revolução dos bichos no meu Reino? Finalizou o Rei.

Mas, o Tucano não ficou triste com a repreensão do Rei Book. Ele, também, gostou muito da fábula contada pelo Coelho e até molhou seu longo bico com lágrimas de seus olhos com a atitude da abelha-rainha!

O Coelho passou a ser o Contador de Histórias Real para a Princesa Le Trada e foi morar no Castelo, onde passou a ser o coelho mais feliz do Reino do Livro Aberto. A pequena Princesa Le Trada ficou muito contente com o resultado final do concurso. Ela sempre adorou coelhinhos.

Quando o Coelho assumiu seu importante posto de Contador Real de História, ele recebeu um abraço tão apertado da Princesa Le Trada que quase morreu sufocado.

A Princesa Le Trada havia completado a sua Corte Real da Princesa. Agora, todas as noites ela ouvia as fábulas contadas pelo Coelho.

Fábulas que despertavam sua imaginação e fantasia, fábulas que a levavam por aventuras no mundo de magia, embalava seu sonho de criança à noite.

Quando, um dia, assumir seu importante papel de Rainha do Reino do Livro Aberto, com certeza ela estará preparada para esta missão, através da importância que dá aos livros e pela educação herdada de seus pais.

FIM